
A PROJEÇÃO DO MULATO EM OBRAS DAS LITERATURAS DE LINGUA PORTUGUESA: O MULATO E PORTAGEM

Agnaldo Rodrigues da Silva

Universidade do estado de Mato Grosso – Brasil

*Mãe! Minha mãe África,
das canções escravas ao luar,
Não posso, não posso, renegar
o sangue negro, o sangue bárbaro
que me legaste...*

*Porque em mim, em minha alma, em meus
nervos fortes, ele é mais forte
que tudo!*

(Noémia de Souza)

RESUMO: Este artigo traz algumas reflexões sobre a presença do mulato nas obras de ficção das literaturas de língua portuguesa. A pesquisa está produzida no âmbito da literatura comparada, cruzando temáticas entre Brasil e Moçambique.

PALAVRAS-CHAVE: mulato, literatura comparada, Brasil, Moçambique, cruzamento.

ABSTRACT: This article brings some reflections the presence of the mulato in the workmanships of fiction of literatures of portuguese language. The research is produced in the scope of compared literature, crossing thematic between Brazil and Moçambique.

KEY-WORDS: mulato, compared literature, Brazil, Moçambique, crossing.

Esta análise tem como função destacar a projeção do mulato em obras das literaturas de língua portuguesa, tomando como eixo de condução os romances *O Mulato*, de Aluísio Azevedo e *Portagem*, de Orlando Mendes, num cruzamento de temáticas entre Brasil e Moçambique, respectivamente. Isso será concretizado através de apontamentos das possíveis rupturas e continuidades entre esses romances.

Começo a reflexão recorrendo à noção de mulato que temos no léxico da língua portuguesa. O Dicionário Aurélio (1986), apesar de ter um conceito fechado, pobre, conciso demais para compreender o que vem a significar o “ser mulato” nos

países de língua portuguesa, servirá de ponto de partida desta pesquisa. Um dos motivos dessa escolha é o fato de que quando o "povo", e me incluo nessa designação de "povo", deseja recorrer à noção de qualquer vocábulo um dos primeiros lugares de procura é justamente o dicionário da língua materna.

Lá o mulato assim está retratado: "filho de pai branco e mãe preta ou vice-versa; homem escuro, trigueiro, mulo. Trigueiro: que tem cor de trigo maduro, queimado, moreno. Mulo significa o mesmo que um; Mu significa filho de jumento e égua ou de cavalo e jumenta". Nesse último significado, apesar de grotesco, o mulato compreende o cruzamento de duas raças distintas.

Vamos, então, às projeções que as obras literárias a serem analisadas fazem sobre o mulato. Começemos pelo romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo.

O Mulato foi publicado em 1881. Apresenta, aparentemente, uma história de amor, em que Ana Rosa e Raimundo são dois jovens que se querem apaixonadamente. Porém, a moldura do caso de amor por eles vivido não se limita a enquadrar o enleio sentimental. Dada a complexidade da intriga, cabe como alicerce da obra o preconceito de raça, em que entram em conflito aspectos inerentes à condição humana, tais como a escravidão, a hipocrisia dos caixeiros portugueses nas lojas maranhenses, as festas populares de bairro, os mexericos de aldeia, as ambições lícitas e ilícitas, e, principalmente, a dominação de uma classe social e de uma raça sobre a outra.

Temos então a história do mulato Raimundo, filho do português traficante de escravos José da Silva e da negra Domingas. Após estudar na Europa desde a infância, retorna a São Luís com a intenção de liquidar a herança deixada pelo pai já falecido, conhecer as origens de seus problemas familiares e descobrir os mistérios que envolviam seu passado: "Não sabia ao certo quais eram as circunstâncias que viera ao mundo..." (AZEVEDO, p.42). Esse elemento informa, de certo modo, a angústia existencial de Raimundo, que o faz voltar às origens, a fim de tentar libertar-se dos fantasmas do passado.

A complicação dá-se pelo fato de Raimundo hospedar-se na casa do tio apaixonando-se pela prima, Ana Rosa, cuja mão lhe é terminantemente negada, devido sua cor mestiça.

Embora com inúmeras qualidades, tais como a honestidade, cultismo e inteligência, Raimundo estava marcado por traços que o caracterizam mulato, aspecto esse que a sociedade tanto reprimia e discriminava. Penso que a obra escrita para servir de instrumento de combate social, pretendendo, talvez, questionar os fundamentos sociais já estabelecidos nos moldes europeus, o que também vem denunciar a condição preconceituosa em que viviam os mestiços no País. Lembremos Bosi (2002, p.157) quando afirma que "a partir do momento em que o romancista molda a personagem, dando - lhe aquele tanto de caráter que lhe confere alguma

identidade no interior da trama, todo esforço da escrita se voltará para conquistar a verdade da expressão". Porém, Raimundo é camuflado por características exageradas, como, por exemplo, ter olhos azuis. Cientificamente, coloca-se impossível Raimundo ter olhos azuis, visto que era fruto de um cruzamento entre um branco puro e uma negra legítima, de primeira geração. O mulato passa a ter características de homem branco, o que deixa a impressão de que o autor tenha pretendido aproximá-lo do branco para melhor rechaçar o preconceito.

Como solução a essa medíocre realidade, o autor contrapõe o pensamento positivista-encarnado pelo próprio Raimundo - que defendia o progresso, a liberdade social, a superação da religiosidade supersticiosa das regras sociais. A vida do mulato, com características do branco colonizador, representava uma ameaça à sociedade que, demonstrando ser mais forte em suas convenções, elimina tal ameaça. Raimundo é banido do meio social. É assassinado por um branco.

Puxemos para análise, a fim de tecer intertextos de rupturas e continuidades, o romance *Portagem*, de Orlando Mendes.

Antes de focar aspectos do romance, cito, para retomar depois, ao longo da análise, a epígrafe com a qual o autor inicia a obra: "O autor pretendeu que esta narrativa fosse verossímil. Mas, tenha ou não conseguido o seu intento, esclarece que pessoas, designações, fatos e lugares de que trata, são imaginários" (MENDES, p.10).

Orlando Mendes produz *Portagem* em 1966. Focaliza o mulato desdenhado por brancos e negros, pelo fato de não apresentar linhagem pura, sendo, pois, resultante da mistura de duas raças, trazendo em si o estigma da miscigenação. Esse fato apresentado por Orlando Mendes torna-se inusitado se comparado aos textos da literatura brasileira, nos quais o mulato surge em escala de valores sociais como elemento intermediário de duas raças. Toda essa complexidade pode ser traduzida do seguinte modo: No Brasil, a literatura aponta esse preconceito baseado na pigmentação da pele o qual decresce à medida que se refere a mulatos mais claros. A proporção aumenta ao se tratar de mulatos mais escuros, ou pardos. Logo a descrição existe em função de uma gradação da cor negra para a branca, fato que torna relevante o chamado "embranquecimento da cor negra". Tomando como parâmetro *Portagem*, percebemos que no contexto moçambicano a discriminação tem igual teor no que se refere à não aceitação do mulato entre brancos e os negros. O mulato deixa de ser um elemento intermediário das duas raças, e torna-se fruto de uma patologia, de um distúrbio infeliz das duas raças. O branco vê sua aproximação do negro e o repele, assim como o negro vê sua aproximação do branco e o repudia. O mulato, na condição de mestiço, "cria espaços múltiplos e complexos de instabilidade e de combate, que ao menos, fornecem o privilégio de se pertencer a vários mundos numa só vida". (GARMES, 2003, p.188-Apud CHAVES & MACEDO).

Contextualizemos *Portagem*. João Xilim, protagonista do romance, é um mulato, o que o torna, naquele contexto, uma vítima do preconceito racial direto e invertido. Direto sob o ponto de vista do branco colonizador, e invertido sob o ponto de vista do negro colonizado. É a ambivalência de que trata Leite (2003, p.11), pois para ela essa “dimensão de ambivalência da identidade do colonizador, mostra que não se limita a conter em si a identidade do outro, colonizado por ele”, mas creio que também contenha a resistência em relação á intromissão de outra cultura na já existente. Temos, portanto, Xilim, marcado pelo estigma preconceituoso de raça⁷⁵, que não era nem negra, nem branca, revolta-se quando, na adolescência, descobre ser filho ilegítimo de um branco. Até então ele vivia em crise existencial, pois notara, mas nunca havia chegado a um a conclusão, sobre a cor de sua pele, que era menos negra que a dos outros, visto que acreditava ser filho de dois negros: Kati e uhlamo.

A tomada de consciência da raça acontece quando Xilim tem uma revelação inesperada. Encontra a mãe, a negra Kati, numa relação amorosa com o patrão branco, chamado campos, em um matagal, próximo ao rio.

Os dois romances apresentam mulatos como personagens protagonistas, entretanto com as rupturas bem definidas. Penso que ambos os mulatos, Raimundo e Xilim, teriam que se parecer na cor, já que são filhos de portugueses brancos e escravas negras, de primeira geração. Contudo, isso não acontece com o mulato de Azevedo, pois indagam-se a respeito de suas origens: Raimundo pensava ser filho apenas do branco José da Silva, desconhecida sua origem negra, e João Xilim acreditava ser filho da negra Kati e do negro Uhulamo, desconhecendo sua origem branca. Ambos ficam desnorteados ao descobrirem a verdadeira origem. Percebamos que há uma inversão de papéis e de valores: enquanto Raimundo adquire o sangue negro, Xilim, opostamente, se conscientiza de ter sangue branco.

Nessa inversão de valores há alguns pontos a considerar. No contexto brasileiro, o mulato de Aluísio, na aproximação que ele tem do branco, e na repulsa pelos negros, é uma ameaça a negação da própria raça. No contexto moçambicano, o mulato Xilim, torna-se um a ameaça em duplo sentido: ao negro, porque este poderia ser peça fundamental para o povo colonizado, no sentido de engendrar a política da libertação, da independência.

Prosseguindo a análise, confrontemos alguns dos fatos apresentados nos dois romances, além da questão da origem:

Em *O Mulato*, Raimundo apaixona-se por Ana Rosa, filha de uma família branca. Ele é rejeitado, e o filho que gera em Ana Rosa é eliminado, através do aborto. Aliás, os mulatos na obra são eliminados, pretendendo-se, ao que parece, eliminar qualquer possibilidade de continuidade da raça. Lembremos que, assim como

⁷⁵ E não só, porque aqui entra o preconceito de cultura de modo geral (raça, língua, dogmas)

filho que gerou, Raimundo também foi eliminado. Em *Portagem*, João Xilim apaixonou-se por Maria Helena, também filha de uma família branca, que na realidade seria sua irmã por parte de pai, o patrão Campos. No caso de Raimundo, este é colocado num patamar de patrão, herdeiro. Já Xilim permanece na condição de escravo, mesmo livre, empregado de um branco ou de um negro, o que também traduz sua condição de não pertencer a nenhum a das raças.

Ambas as personagens descobrem suas origens através de revelações não agradáveis. Vamos reproduzir tais momentos em que são reveladas as verdadeiras origens e como nossos protagonistas, Raimundo e João Xilim, respectivamente, vêem a raça e a branca, às quais adquirem consciência abruptamente.

Raimundo quando encontra a mãe legítima, sem saber:

...Raimundo, ao chegar a sacristia, estacou e estremeceu todo... conservou-se estático, quase duvidoso de que aquilo tinha defronte de si fosse um afigura humana. Todavia, a múmia se aproximava dele, a dar saltos, estalando os dedos ossudos e compridos. Viam-se lhe os dentes brancos e descamados, os olhos a estorcerem-se convulsivamente...

De repente deu com Raimundo e precipitou-se para ele de braços abertos. Na primeira impressão o rapaz recuava com repugnância, mas caindo logo em si, aproximou-se da loucura e perguntou-lhe se conhecia quem morava naquela fazenda.

A idiota olhou para ele e riu sem responder.

(...)

A preta continuou a rir. ...A doida o considerava fixamente como que procurando reconhecer-lhe as feições; de súbito, deu um salto sobre ele, tentando abraça-lo; o rapaz não tivera tempo de fugir e sentiu-se em contato com aquele corpo repugnante. Então num assomo nervoso repeliu-a bruscamente. Ele caiu para trás, estalando os ossos contra os tijolos do chão...

(...)

-Não me toques! – gritava o moço, com raiva, levando o chicote.

Manuel acudiu correndo:

- Não lhe bata doutor... Essa pobre negra... Foi escrava de seu pai. (AZEVEDO, p. 190-191)

Momento da revelação da origem de Raimundo:

-Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é...é filho de uma escrava...

Eu?

-O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade.

A revelação da origem de João Xilim:

Aproximou-se da margem do rio onde o matagal se tornava menos denso. Mas um isólito ruído o fez parar. Alguns metros adiante, a folhagem caída no chão rangia como se fosse pisada por gente ou bicho. Talvez algum garoto que viera também ao rio para se banhar. Instintivamente, escondeu-se atrás dum arbusto, afastou com cuidado as trepadeiras enoveladas e espreitou. E viu numa clareira patrão Campos abraçado a uma negra . Estavam sentados de costas para ele. Quem seria aquela mulher com quem o branco da mina andava metido? A negra ria-se, patrão Campos apertava-lhe os seios e enconstou-a depois para trás, até deitar no chão. E João Xilim descobriu que a mulher que estava embrulhada com patrão Campos era a negra Kati, sua mãe.

(...)

Sentiu um arrepio a tomar todo o corpo. Uma náusea fez-lhe tonturas... tinha de fugir para onde ninguém o conhecesse nem pudesse saber da sua dor e da sua vergonha.

Caminhando para a finalização de nossas reflexões, voltemos a questionar: quem é o mulato, ou o que significa "ser mulato"?

Ampliando a noção vaga e pobre com a qual iniciamos este texto, citando o conceito fechado do dicionário, vamos à denominação do mulato parafraseando os próprios romances em análise. Penso que nada melhor que o próprio texto e contexto das duas obras para responder a essa pergunta tão complexa.

"... Mal de mim é ser mulato. Nossa raça toda a gente passa de lado... Branco está sempre a pensar que mulato é filho dum crime. E eu estou quase a pensar que talvez é mesmo. E preto tem vergonha da gente..." (MENDES, p.53).

"Esse homem que ai está sentado é um homem de cor, nascido da fusão de duas raças que, quantas vezes, igualmente o desprezam". (ibidem, p. 64)

"A culpa... foi daquela desgraça de nascer mulato" (ibid. p.67)

"Às vezes nasce um filho. Filho de ninguém, esta porcaria com pele nem pretea nem branca que toda a gente cospe em cima..." (ibid. p. 67)

Dito por negro: "-Vocês não acreditam nele. Mulato não é gente de confiança. Tem sangue de branco. Não quer saber da sorte de preto para nada!..." (ibid. p.70).

“O negro Isidoro cada vez mais sente a presença do mulato João Xilim como a de um intruso. Pretos e brancos é que ali deviam estar bem definidos nas suas origens. O mulato representava para ele um elemento duvidoso...” (ibid. p. 74)

“Ser mulato é pior que ser negro... mais um mulato para toda a gente desprezar e maltrata” (p. 142)

“Rejeitado pelos brancos e pelos negros, deserdado pelas duas raças puras” (p. 160)

“O fato de não ser branco, constituía por si só um crime” (AZEVEDO, p.51)

“O desgraçadinho” (ibid.p.54)

Portanto, o mulato parece não ter um lugar definido, enquanto ser humano, na literatura brasileira e moçambicana. Nesta última o problema acentua-se com mais intensidade. Retorno a epígrafe, do próprio Orlando Mendes, que citei quando iniciei a considerar *Portagem* neste texto. E vou além, aplico o conteúdo da epígrafe também a Aluizio Azevedo. Cito: “O autor pretendeu que esta narrativa fosse verossímil. Mas, tenha ou não conseguido o seu intento, esclarece que pessoas, designações, factos e lugares de que trata, são imaginários”. Esse não-lugar do mulato, apresentado pelas obras em voga, revela nos seus respectivos autores traços do engajamento, pois mesmo utilizando panos de fundo fictícios, utilizam contextos reais, simultâneos a uma realidade que considero verossímil, que traduz o desprezo pelo “ser-mulato”. O professor Benjamim Abdala Junior (2003, p. 104) trata sobre essa questão do engajamento numa ótica que toma como vertentes similaridades contextuais e similaridades situacionais, o que vem ao encontro desta perspectiva enfocada. Isso nos faz lembrar a lenda abaixo:

Quando Deus fez as criaturas, mandou-as a uma ribeira para se lavarem. As que chegaram primeiro, lavaram-se em água límpida e ficaram brancas. As que chegaram a seguir, lavaram-se em água turva e ficaram mulatas. As que chegaram ao fim, encontraram a ribeira a secar, apenas puderam molhar a palma das mãos e a planta dos pés e ficaram negras no resto do corpo. E ao branco, Deus deu uma caneta. Ao mulato, deu uma balança. Ao negro, deu uma enxada. (“Lenda africana”)

Mas, indubitavelmente, na concorrência entre lugares de identidade, ou mesmo na relação entre colonizador e colonizado, há a premiação do branco, o rechaçamento do negro e o desprezo pelo mulato. Está em jogo, nessa relação, como diria Baleira, apud Fry, (2001, p. 160-161), o conceito de nação enquanto grupos fechados, particulares e singulares, mantidos pelos laços de identidade primordiais ou naturais, que produzem a solidariedade espontânea entre os seus membros. O preconceito é estabelecido tanto em relação a uma cultura que se põe superior a

outra, quanto pela noção de inferioridade estabelecida por parâmetros de pigmentação da pele.

BIBLIOGRAFIA:

ABDALA JUNIOR, Benjamim. *De vãos e ilhas- Literatura e Comunitarismo*. São Paulo: Ateliê, 2003.

AZEVEDO, Aluízio. *O Mulato*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BALEIRA, Sérgio. "Nações Concorrentes- Estratégias de Construção de Identidade". Apud Fry, Peter (org.). *Moçambique-Ensaio*. Rio de Janeiro: URFJ Editora, 2001.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia. *Literaturas em Movimento*. São Paulo: Arte e Ciência/ Via Atlântica, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas Africanas e Formulações pós-coloniais*. Maputo: Imprensa Universitário, 2003.

MENDES, Orlando; *Portagem*. Lisboa: Edições 70, 1981.